

Pacientes do HC com paralisia cerebral são reabilitados com terapia esportiva

"Se eu tivesse de dar uma medalha para alguém seria para minha mãe", diz Denise Gomes, 41 anos, depois de participar da última atividade dos Jogos Anuais de Terapia Esportiva, no complexo esportivo da Faculdade de Medicina da USP, promovido pelo Instituto de Ortopedia e Traumatologia (IOT) do Hospital das Clínicas (HC). Denise e mais 72 pessoas com paralisia cerebral estavam felizes ao participar do encerramento dos jogos, que incluem provas de revezamento, arremesso, handebol, futebol de salão e queimada. O projeto de reabilitação aos pacientes com paralisia cerebral atende cerca de 80 pessoas por ano com atividades esportivas semanais.

Tardiamente diagnosticado, o caso de Denise comprometeu o movimento das pernas, impossibilitando-a de andar. Mesmo assim, encontrou no HC a oportunidade de reabilitação. "Aqui, sou recebida por anjos vestidos de branco que nos ajudam o tempo todo", afirma. Denise realizou as cirurgias necessárias, progrediu no tratamento e começou a andar. "Estou emocionada. Sempre acreditei que um dia teria coordenação nos movimentos para fazer a atividade que eu quisesse. Agora consegui! E devo tudo isso aos médicos do HC e à minha mãe", descreve, lembrando que a mãe, recentemente falecida, foi a sua maior incentivadora.

Um desses anjos (como Denise chama os médicos) é o doutor João Carazzato, 72 anos. Ortopedista e especialista em Medicina do Esporte, é o mentor dos jogos. Ele conta que as modalidades esportivas têm finalidade específica para o tratamento. "Nós direcionamos as atividades de acordo com a limitação de cada um. O resultado é impressionante. A gente observa, ao longo do tempo, que aqueles que não conseguiam caminhar ou movimentar os braços hoje jogam até futebol", analisa. O ortopedista destaca ainda o trabalho da equipe multidisciplinar do HC na utilização do esporte para estimular as funções do aparelho locomotor dos participantes, além do incentivo dos familiares e amigos na recuperação dos pacientes.

Pais e filhos – Desânimo e tristeza não têm espaço na família Santos. Os irmãos gêmeos



Dr. Carazzato: mentor dos jogos

Projeto do Instituto de Ortopedia e Traumatologia atende cerca de 80 pessoas por ano com atividades esportivas semanais



A atividade esportiva acelera a recuperação motora dos pacientes tratados no HC

Dedicação rende certificação

O Instituto de Ortopedia e Traumatologia (IOT) do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP) foi credenciado como o primeiro Centro Médico de Excelência da Federação Internacional de Futebol Associado (Fifa) na América Latina. Além dos pré-requisitos para a qualificação, a Fifa considerou a estrutura hospitalar do HC, a produção científica e o histórico de compromisso dos profissionais do complexo. De acordo com o chefe do grupo de Medicina do Esporte do IOT, Arnaldo Hernandes, o trabalho desenvolvido e a estrutura possibilitaram o credenciamento.

Álvaro e Alfredo dos Santos, ambos com 12 anos, encaram a vida de frente, com ânimo e alegria. Com vulnerabilidade nos movimentos das pernas, em vez de reclamar das dificuldades decidiram sorrir para a vida. No ginásio, correm, pulam e, como se não bastasse tudo isso, ainda encontram fôlego para jogar futebol de salão. "Estou muito feliz! Gostei de tudo! Mas o futebol é a minha preferência", afirma Alfredo. Já o irrequieto Álvaro, com um grau mais elevado de limitação do que o irmão, precisa de um andador para realizar os exercícios. Nem por isso desistiu. "Adoro esse lugar e logo terei as mesmas condições do meu irmão. Estou cansado, mas se tiver tempo quero jogar um pouco mais", disse Álvaro.

Para João e Cleusa dos Santos, pais dos garotos, a satisfação em ver a evolução dos filhos enche de orgulho toda a família. "Não tem preço que pague tudo que o pessoal do HC faz por eles", resume o casal, que toda semana traz os jovens de Embu das

Artes, com desejo de que os meninos levem uma vida normal. Pais de outros pacientes também mostravam entusiasmo nas arquibancadas do ginásio. Maria da Silva de 72 anos era uma delas, sempre apoiando o filho Reginaldo, 41 anos, que tem um tipo de paralisia que não lhe permite se deslocar sozinho. Mesmo assim – revela Maria – Reginaldo é muito vaidoso e nunca perdeu a alegria de viver. "As vezes até parece um adolescente", comenta.

Da Assessoria de Imprensa do HC

Artes, com desejo de que os meninos levem uma vida normal. Pais de outros pacientes também mostravam entusiasmo nas arquibancadas do ginásio. Maria da Silva de 72 anos era uma delas, sempre apoiando o filho Reginaldo, 41 anos, que tem um tipo de paralisia que não lhe permite se deslocar sozinho. Mesmo assim – revela Maria – Reginaldo é muito vaidoso e nunca perdeu a alegria de viver. "As vezes até parece um adolescente", comenta.



Denise (esq.), recuperação



Irmãos Alfredo e Álvaro



Reginaldo, com a mãe

Antes, durante ou depois do parto

A paralisia cerebral é uma lesão do sistema nervoso central que pode ocorrer na criança antes, durante ou depois do parto ou, ainda, pode ser provocada por qualquer evento que resulte na falta de oxigenação do cérebro. Além dos problemas motores, alguns pacientes podem apresentar comprometimentos mentais, auditivos, visuais ou da fala. A terapia esportiva melhora a resistência física, a condição cardiorrespiratória, a força muscular, a flexibilidade, a agilidade, a coordenação, a rapidez, o equilíbrio e a autoconfiança.

Vencendo desafios – Bruno Rodrigues frequenta o grupo do HC desde os 4 anos de idade (hoje tem 25). Também para ele a terapia esportiva significou ter de volta a alegria de viver. A doença afetou a perna e o braço esquerdos, limitação que não lhe permitia dar mais de cinco passos sem cair. Cirurgias e sessões de fisioterapia corrigiram o problema e lhe devolveram parcialmente os movimentos. Hoje, consegue fazer tudo sozinho, até mesmo sem a ajuda de equipamentos ortopédicos. "Graças ao trabalho realizado aqui pude ver o mundo com outros olhos e acreditar que existe espaço para todas as pessoas, independentemente das suas limitações físicas", enfatiza. Bruno trabalha como gerente de banco e pretende retomar o curso de gestão empresarial em 2010.

Os jogos também contam com o trabalho voluntário de muitos outros profissionais. São os cuidadores, assim chamados porque se empenham para o perfeito andamento das atividades. Ana Cascelli, professora de classe hospitalar, é cuidadora. Participa dos eventos da terapia esportiva há três anos e não pensa em parar. "A cada momento que convivemos com os pacientes com paralisia cerebral evoluímos como seres humanos e damos mais valor à nossa própria vida", garante Ana, que define o encontro como uma ótima terapia para todos.

Anderson Moriel Mattos
Da Agência Imprensa Oficial